



REFLEXÃO E PRÁTICAS ACERCA DAS VIVÊNCIAS DOS PARTICIPANTES DO GRUPO ESPERANÇA VIVA

Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

nathlia99@gmail.com

Maristela de Oliveira Mosca

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

maristela@nei.ufrn.br

Como citar este artigo?

AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes; MOSCA, Maristela de Oliveira. Reflexão e práticas acerca das vivências dos participantes do grupo esperança viva. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 11., 2024, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2024. Tema: Participação e responsabilidade coletiva para o fortalecimento da Inclusão e Acessibilidade. p. 99-110. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

RESUMO

Este trabalho, parte de uma dissertação de Mestrado em andamento, objetiva analisar como as experiências e aprendizagens dos membros do Grupo Esperança Viva impactam as formações musical, acadêmica e humana de estudantes com deficiência visual. A pesquisa se insere no campo da Educação Musical Especial em uma perspectiva inclusiva e é fundamentada em uma revisão de literatura que proporciona um suporte teórico para o estudo. A pesquisa, de caráter qualitativo, enfatiza a compreensão das vivências dos participantes, com base na análise de experiências individuais e grupais. O Grupo Esperança Viva é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que integra pessoas com e sem deficiência visual, com o objetivo de promover a inclusão por meio da musicalização. A pesquisa também aborda a trajetória do Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN), criado para apoiar alunos com deficiência visual na EMUFRN, sendo fundamental para o desenvolvimento de projetos de extensão, ensino e pesquisa sobre musicalização para pessoas com deficiência. O estudo aponta que a participação no grupo contribui de maneira positiva, tanto no âmbito acadêmico, como no humano e musical. Entendemos, dessa maneira, que a Música, sendo uma linguagem, pode influenciar positivamente o desenvolvimento pessoal, acadêmico e musical dos estudantes com deficiência visual, destacando a importância de uma Educação Inclusiva e de acordo com as necessidades individuais.

PALAVRAS-CHAVE

educação musical especial; música e deficiência visual; inclusão; formação musical; formação humana; formação acadêmica.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, inserido no campo da Educação Musical Especial em uma perspectiva inclusiva, se constitui como um recorte da pesquisa de dissertação, em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Especial (PPGEEsp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Dessa forma, a pesquisa possui como objetivo apresentar a revisão de literatura da proposição teórica que a pesquisa final do mestrado abarcará. Dessa forma, exploraremos os elementos constituintes que estruturam a pesquisa, bem como as dimensões teóricas, metodológicas e práticas.

A pesquisa do mestrado, em andamento, permeia em torno da questão: em que medida as vivências e aprendizagens dos componentes do Grupo Esperança Viva reverberam nas formações musical, acadêmica e humana dos estudantes com deficiência visual? Buscando investigar de que maneira a prática musical dos participantes do grupo impacta nas áreas musical - a partir do desenvolvimento das habilidades musicais; acadêmica - procurando saber como que a participação no grupo auxilia na ambiência acadêmica e no seu desenvolvimento e humana - analisando a música como algo indissociável do ser humano, promovendo um crescimento pessoal e social.

O trabalho orienta-se por meio da revisão de literatura, entendida como primordial na escrita acadêmica, uma vez que ela situa o trabalho no campo da pesquisa (Prodanov, 2013) e garante respaldo científico por meio do conhecimento já existente. A natureza do estudo possui característica qualitativa, de acordo com Fernandes et al (2018, p. 145), “visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, através da análise de experiências individuais e grupais [...]”.

O objeto de investigação deste trabalho trata-se dos participantes com deficiência visual que participam do Grupo Esperança Viva, projeto de extensão desenvolvido pelo Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN). O setor desempenha um papel importante ao proporcionar uma base teórica sólida e oportunidade da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas da Graduação em Música, servindo como um laboratório para implementação prática de estudos na área da Educação Especial em uma perspectiva Inclusiva.

Assim sendo, o trabalho está dividido em 5 partes. O capítulo um, *Introdução*, compõe a apresentação do tema e bases metodológicas. O capítulo dois, *A Educação Especial em uma perspectiva Inclusiva*, apresenta uma contextualização da área da Educação Musical Especial em uma perspectiva inclusiva. O capítulo três, *Conhecendo*

o *Grupo Esperança Viva*, trata da contextualização do lócus, buscando apresentar ao leitor sobre o que se trata o grupo em questão. O capítulo quatro, *O que é o SEMBRAIN?*, é explicado sobre o que é e como funciona o setor de inclusão da Escola de Música da UFRN (EMUFRN). Para finalizar, no capítulo cinco, *Notas finais*, traçamos as considerações finais.

Após contextualização do panorama e metodologia da pesquisa, faz-se necessário falar a respeito da área de pesquisa, a Educação Especial em uma perspectiva Inclusiva e sobre o objeto de estudo, o Grupo Esperança Viva. Grupo musical de flauta doce composto por pessoas com e sem deficiência visual.

2 A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A Educação Especial possui como foco estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, sendo atendidos em todos os níveis e modalidades de ensino, de preferência na rede regular, sendo de maneira complementar ou suplementar (Camargo, 2017; Brasil, 2008). Já a Educação Inclusiva se baseia na mudança a partir da estrutura que é pensada a sociedade, cultura e escola, ofertando uma educação acessível para todos os estudantes, independente das suas características e valorizando a diversidade (Neves; Rahme; Ferreira, 2019).

Sabe-se que a temática acerca da inclusão das pessoas com deficiência tomou pauta amplamente nas últimas décadas, tais discussões possibilitaram um avanço significativo na construção de políticas públicas que promovem ações de garantia dos direitos dessas pessoas (Souza, 2023). Porém, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), esse tema iniciou apenas em 2007, com o contato de um músico cego com uma docente da Instituição. A partir disso, o estudante em questão demonstrou seu interesse em aprender a Musicografia Braille e a dificuldade em encontrar docentes capacitados para auxiliar nesse aprendizado (Souza, 2023).

Esse pontapé inicial representou um marco importante e fundamental para que, em 2009, com o ingresso desse estudante no curso superior em Música, a EMUFRN iniciasse a organização e estruturação dos mecanismos para atender as demandas relacionadas à política de inclusão e acessibilidade (Souza, 2023). Culminando, dessa forma, em 2013, a criação do SEMBRAIN, setor da EMUFRN que presta apoio e serviço aos alunos com deficiência visual da unidade acadêmica. No entanto, percebe-se que o setor, em alguns momentos, não se configura como um espaço de apoio à inclusão, e sim o espaço em que a inclusão acontece na EMUFRN.

As vivências e relatos contados pelos estudantes com deficiência visual e na análise de trabalhos acadêmicos (Melo, 2011; Bezerra, 2016; Moraes, 2020, Fonseca, 2022, Souza, 2023), indicam que apesar das iniciativas promovidas pelo setor através dos cursos voltados à comunidade interna no que diz respeito ao entendimento e compreensão do Sistema Braille e sobre acessibilidade, eventos na área da Educação Musical Especial e Inclusiva, ainda há baixa participação e interesse do corpo docente da EMUFRN. A consolidação de uma cultura inclusiva deve ser entendida por toda a comunidade acadêmica e não apenas por um setor específico.

Incluir na educação equivale a oportunizar um ambiente favorável para ocorrer a aprendizagem de todos os educandos envolvidos, atentando para as necessidades educacionais de cada um, sem segregá-los. Na área da Educação Musical, encontramos poucos docentes empenhados na proposição de um ensino musical inclusivo e eficaz, que atenda as demandas do corpo estudantil (Santana, 2015). É necessário repensar a aula de Música de modo que atenda os alunos nas suas particularidades, ou seja, refletir: o estudante precisa de um arranjo modificado? É fundamental a adaptação de algum instrumento? O ambiente está propício para receber este educando?

Sabe-se que a inclusão vai além de apenas garantir o acesso, é necessário que o estudante tenha oportunidade de se desenvolver de maneira igualitária às demais pessoas, bem como ter sua permanência e conclusão. A garantia e o apoio durante a permanência até a conclusão faz-se necessário para que não haja um descompasso entre a teoria e a realidade desses estudantes.

É importante destacar que, ao longo da pesquisa, a deficiência será compreendida a partir do referencial teórico do Modelo Social, indo além do conceito e abordagem biomédica. Essa compreensão leva em consideração a deficiência não como uma limitação da própria pessoa, mas como uma construção social resultante da opressão devido às relações de desigualdade que são postas pelo ambiente com barreiras aos corpos fora de um padrão normativo (Diniz; Lívia, 2009). Apoiado nisso, ao conceber a deficiência como uma manifestação da diversidade humana e uma questão de política e direitos, percebemos, portanto, uma responsabilidade pela inclusão e acessibilidade sobre a sociedade como um todo. A deficiência não se encontra no sujeito por ele não poder andar, por exemplo, mas sim na inacessibilidade dos ambientes e meios de transporte que inviabiliza sua mobilidade (Diniz, 2007).

3 O QUE É O SEMBRAIN?

O SEMBRAIN é o setor de inclusão da EMUFRN que coordena as ações de pesquisa, ensino e extensão na área da Educação Musical Especial e Inclusiva na unidade acadêmica. O setor é responsável pelos projetos de extensão que envolvem a musicalização para pessoas com deficiência visual, Autismo e Síndrome de Down.

O primeiro projeto de extensão que surgiu foi o Projeto Esperança Viva, sendo as aulas de flauta doce para pessoas com deficiência visual. Depois, ramificou-se com a intenção de musicalizar pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Projeto Som Azul) e Síndrome de Down (Projeto Musicalização UP). Cada curso possui objetivos claros e específicos de acordo com a faixa-etária e as especificações de cada grupo, sempre objetivando a musicalização. No que diz respeito aos projetos que atendem pessoas com deficiência visual, há o Coral ViVendo o Canto, Banda Braille, Grupo Esperança Viva e Orquestra Inclusiva de Violões, que também focam na musicalização, porém de acordo com cada instrumento pertencente a cada projeto, a exemplo: voz, violão, flauta doce etc.

Concomitantemente ao que os projetos de extensão atendem o público externo e interno da UFRN objetivando a musicalização, eles servem como uma espécie de laboratório de ensino ao proporcionar aos professores em formação na Licenciatura em Música, uma vivência teórico-prática na área da Educação Musical Especial e Inclusiva (Souza, 2023). Auxiliando, dessa maneira, na formação dos professores para atuar com a diversidade, tendo em vista que é um campo de atuação que vemos na prática o que é posto na teoria em sala de aula.

No âmbito de ensino, o setor fornece cursos e oficinas de capacitação para docentes e discentes da própria EMUFRN e parcerias com Universidades Federais Brasileiras e a Universidade Estadual de Moçambique, na oferta de Cursos de Capacitação a respeito do Sistema Braille e da Musicografia Braille. Constantemente os monitores dos projetos do SEMBRAIN são instigados a participarem de tais cursos com o intuito de melhorar a prática da escrita e transcrição de partituras, dessa maneira, sendo capazes de fornecer suporte necessário aos estudantes com deficiência visual dos projetos.

Percebemos que, ao entrar no projeto, é preciso aprofundar determinados conteúdos com o intuito de conhecer e absorver o conhecimento necessário para trabalhar corretamente nas atividades dos projetos. Sentimos, na prática, a importância de estar atento às diversidades, conhecer metodologias e estratégias acessíveis e como ministrar uma aula de maneira acessível. Para muitos isso pode parecer ser necessário muita experiência na área com estratégias mirabolantes, contudo, nas vivências dentro

dos projetos notamos que não precisa de muito para que uma aula seja acessível e o estudante se desenvolva.

Na área de pesquisa, o setor se destaca pela constante publicação de trabalhos científicos acerca das vivências na sala de aula dos discentes e docentes nos projetos de extensão e demais ações de inclusão que envolvem o setor. Possuindo, desse modo, uma relação estreita da “pesquisa com o vivenciado na prática em extensão” (Souza, 2023, p. 211). Além disso, é realizado, em conjunto com a Biblioteca Setorial Padre Jaime Diniz (BPJD), o Encontro sobre Ensino de Música para Pessoas com Deficiência Visual (EMDV), agora chamado de Encontro sobre Música e Inclusão (EMI), desde 2013, sendo ministrado cursos, oficinas, recitais, palestras, entre outras atividades, na área da Educação Musical Inclusiva.

4 CONHECENDO O GRUPO ESPERANÇA VIVA

Criado em 2012, o Grupo Esperança Viva é um grupo permanente de flauta doce da EMUFRN, pertencente aos projetos de extensão SEMBRAIN da EMUFRN. Atualmente é formado por estudantes dos cursos Licenciatura, Bacharelado e Técnico da unidade acadêmica, que ministram as aulas e ensaios, e por pessoas com deficiência visual da comunidade externa e interna da UFRN que saibam tocar flauta doce.

As atividades iniciaram a partir de aulas de flauta doce para pessoas com deficiência visual, conforme os participantes se desenvolviam no estudo do instrumento e na ampliação do repertório musical, passaram a ser convidados para tocar em diversos eventos. O nome “Grupo Esperança Viva” surgiu com o interesse de um dos componentes ter um nome formalizado para o grupo de flautas, afirmando que no mundo havia muita esperança morta, entretanto, as aulas de flauta e sua participação nos projetos do SEMBRAIN havia dado a ele uma esperança viva e vontade de aprender mais.

O grupo recebe apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) por meio de editais com a concessão de bolsas de extensão estudantis, é importante ressaltar que este apoio institucional faz-se primordial para os desenvolvimentos das ações de inclusão na EMUFRN (Souza, 2023). Atualmente, o grupo conta com 22 participantes, sendo 3 da coordenação geral, 11 monitores bolsistas e 8 alunos. Dos monitores, 4 fazem parte da banda base (piano, baixista elétrico, violonista e cajonista) e os demais se dividem entre os naipes de flauta doce (flauta doce soprano, flauta doce contralto e flauta doce tenor), sendo 1 possui visão monocular. Os alunos, 4 possuem baixa visão e 4 cegueiras total, sendo 1 no flautista do naipe contralto e os demais no naipe da flauta doce soprano.

Essa formação, assim como a quantidade de participantes, principalmente de monitores, varia a cada ano de acordo com a quantidade de bolsas recebidas por edital da PROEX, monitores voluntários e divisão dos monitores entre o Grupo Esperança Viva e os demais projetos de extensão do SEMBRIN. Além disso, no decorrer do ano, há saídas e entradas de bolsistas conforme a eventuais trocas de bolsa e conclusão do curso.

Figura 1 - Fotografia do Grupo Esperança Viva em apresentação



Fonte: autora do trabalho, 2024.

[Descrição da imagem] Fotografia horizontal colorida de uma apresentação do Grupo Esperança Viva. Os participantes estão em pé, lado a lado, no palco. Todos vestem camiseta verde com a logo do projeto e tocam flauta doce. Atrás, a banda base posicionada. À frente, algumas pessoas sentadas em poltronas assistem a apresentação e filmam. [Fim da descrição]

Os ensaios acontecem semanalmente e um monitor fica à frente com o auxílio dos demais, e, quando necessário, da coordenação. As atividades iniciam com um aquecimento na flauta doce, que consiste na execução de escalas musicais nas tonalidades correspondentes às músicas do repertório atual. Em seguida, cada peça é revisitada com o intuito de melhorar determinados trechos que são mais difíceis, tirar eventuais dúvidas e alinhar com a banda base.

O Grupo Esperança Viva, como um projeto de extensão, promove uma interação rica entre universidade e comunidade, a partir da oferta de uma Educação Musical de qualidade que possui como objetivo a musicalização e a inclusão dessas pessoas através da Música. Além disso, percebe-se o impacto positivo no cotidiano dos estudantes com deficiência, não apenas no âmbito musical ao cumprir com o objetivo principal de promover a musicalização desse público, mas um impacto em diversas dimensões da vida dos participantes. Os próprios participantes relatam a contribuição no fortalecimento

da autoestima, desenvolvimento da autonomia e ressignificação da trajetória pessoal e um sentido de propósito na vida deles.

Ademais, a participação ativa demonstra que a deficiência visual não se constitui como uma limitação, mas que essas pessoas possuem potencial de se desenvolverem desde que sejam dadas oportunidades condizentes com a realidade e que seja garantida a inclusão e acessibilidade no processo de desenvolvimento musical. Dessa maneira, o Grupo Esperança Viva desconstrói paradigmas excludentes e evidencia o potencial de expressão artística, independentemente das características que a pessoa possua.

5 NOTAS FINAIS

Por se tratar de um recorte da dissertação em andamento, buscou-se apresentar a proposição teórica, bem como a metodologia que sustenta esse trabalho e o lócus em que a pesquisa aconteceu. Este artigo procurou compreender as interfaces das formações humana, acadêmica e musical dentro do Grupo Esperança Viva com o intuito de aprofundar a compreensão acerca do impacto das vivências no desenvolvimento dos participantes do grupo.

Os referenciais teóricos apontam para as indagações da pesquisa de mestrado a qual este artigo faz parte: em que medida as vivências e aprendizagens do Grupo Esperança Viva reverberam nas formações: musical, acadêmica e humana dos estudantes com deficiência visual? Sabe-se que tais formações estão interligadas com o *Processo, Pessoa, Contexto* (Silva, 2020; Saragoça; Candeias, 2019), sendo necessário conhecer que estabelecem esse processo, ou seja, o “contexto em que ocorre o desenvolvimento, as características pessoais (biológicas ou psicológicas) e o processo pelo qual acontece” (Saragoça; Candeias, 2019).

Entender como as dimensões do *Processo, Pessoa, Contexto* atuam nas formações musical, acadêmica e humana é crucial, pois analisamos a partir da perspectiva que cada pessoa possui uma interação com o ambiente social com base nas suas características pessoais, sociais e história de vida. Essa complexidade de movimento mostra que tais processos são percebidos e vividos de maneira interligada, ou seja, não é possível analisar uma de maneira isolada sem tomar nota das demais, dado que elas interagem e se influenciam mutuamente.

Tem-se em mente que “assegurar a vida digna não se resume mais à oferta de bens e serviços médicos, mas exige também a eliminação de barreiras e a garantia de um ambiente social acessível aos corpos com impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais” (Diniz, 2009, p. 74). Como apontado por Soares (2020), que argumenta a

respeito de uma educação que pode ser considerada como um meio transformador, porém, para isso necessita que o docente valorize a diversidade humana, ofertando uma educação democrática e inclusiva.

Os próprios participantes relatam a esperança renovada que obtiveram após a participação no grupo musical em questão de se desenvolverem não apenas musicalmente, mas também em outras áreas. Em suma, a partir da participação dos componentes com deficiência visual no Grupo Esperança Viva, notou-se uma mudança no âmbito pessoal e acadêmico. Visto que, após ingressarem no projeto de extensão, a maioria se interessou em retornar aos estudos por meio da Educação para Jovens e Adultos (EJA). Alguns discentes haviam desistido dos estudos devido à falta de acessibilidade educacional nos espaços, tanto física como humana.

Já no campo da formação musical, a música sendo entendida como uma forma de linguagem (Soares, 2020), percebe-se o desenvolvimento musical dos alunos e a apropriação de conceitos. O grau de complexidade utilizado no repertório do Grupo Esperança Viva não é divergente de outros grupos musicais apenas por possuírem deficiência visual. É esperado e cobrado um rigor técnico dos participantes, visto que a deficiência visual não é impedimento para o bom desenvolvimento musical.

Assim sendo, entendemos que a deficiência, seja ela qual for, não é impedimento para um bom desenvolvimento, mas sim os obstáculos e preconceitos estruturais percebidos e vivenciados por essas pessoas que são a verdadeira barreira para um acesso pleno à Educação Musical de qualidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 23, n. 1, p. 1-6, jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320170010001>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wenderson Rufino. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 65-77, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1806-64452009000200004>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FERNANDES, Alice Munz *et al.* Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: análise bibliométrica. **Desafio online**, Campo Grande, v. 6, n. 1, jan./abr. 2018, p. 141–159. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/deson/article/view/3539/4259>. Acesso em: 07 maio 2024.
- NEVES, Libéria Rodrigues; RAHME, Mônica Maria Farid; FERREIRA, Carla Mercês da Rocha Jatobá. Política de Educação Especial e os Desafios de uma Perspectiva Inclusiva. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2019, p. 1-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623684853>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- SANTANA, Jayanny Rayara da Silva. **Ludicidade e educação musical: possibilidades e desafios para uma educação musical inclusiva**. 2015. 80 f. Monografia (Graduação) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33683>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- SARAGOÇA, Maria José; CANDEIAS, Adelina. Da incapacidade à inclusão: o percurso conceitual à luz da Legislação educativa portuguesa. In: CANDEIAS, Adelina (coord.). **Desenvolvimento ao longo da vida: aprendizagem, bem-estar e inclusão**. Évora: Universidade de Évora, 2019. p. 226-243. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/27261>. Acesso em 06 jun. 2024.
- SOARES, Lisbeth. **Música, educação e inclusão: reflexões e práticas para o fazer musical**. Curitiba: InterSaberes, 2020.
- SOUZA, Catarina Shin Lima de. **Educação musical de pessoas cegas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011-2019)**. 2023. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio

Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/55099>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=zUDsAQAAQBAJ&lpg=PA13&ots=dc11ggwaDM&dq=info%3A0x5-9P1eCQ8J%3Ascholar.google.com&lr&pg=PA1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 06 jun. 2024.